

# Tingui-kariri-botó

Uma comunidade de cerca de 500 índios, vivendo em Olho d'Água do Meio no município de Feira Grande, Arapiraca, sul de Alagoas, foi recentemente identificado, embora os índios vivam na região há mais de 70 anos. Mais do que qualquer grupo do Estado de Alagoas, estes índios preservaram parcialmente sua língua e se apegaram zelosamente aos seus rituais.

A comunidade está em condições extremamente precárias. Tem 12 tarefas (cerca de 2 hectares) de terra, cercadas pelas fazendas nas quais trabalham por 80 a 100 cruzeiros por dia, enquanto alguns vão cortar cana para as usinas mais distantes. Para prover a própria agricultura de subsistência, limpam e cultivam roças nas fazendas vizinhas, com a condição de devolverem dentro de um ano a terra já plantada com pasto para o gado. Dado o curto prazo concedido para o cultivo, não podem cultivar plantas de ciclo mais longo como a mandioca, limitando-se ao feijão e ao algodão. Neste ano, com a longa seca, perdeu-se praticamente toda a lavoura. Pressionados por estas condições, alguns índios estão abandonando a comunidade.

As mulheres também são artesãs, produzindo chapéu de palha, esteiras, vassouras e bolsas. A matéria-prima, o ouricuri, é tirado nas fazendas vizinhas. Atualmente, os fazendeiros se opõem a que as mulheres peguem a palha de ouricuri, assim como a lenha para cozinha, tendo mesmo ameaçado as mulheres de prisão. **Contam elas** que os fazendeiros cortam a corda que amarra os feixes de lenha e as obrigam a deixá-los no local quando as encontram. Quanto à palha, estão tentando vender a dúzia de olhos de ouricuri de 40 até 60 cruzeiros a dúzia, o que permite fazer uma média de 4 a 5 chapéus. Um chapéu que demora dois dias de trabalho é vendido pelas índias a 40 cruzeiros a peça.

Dos dois hectares de terra que possuem, a maior parte não é usada para plantio, e é conservada com o máximo de vegetação para a realização do ritual principal do grupo, o ouricuri. Este é um ritual vedado aos estranhos, em que os índios passam a noite em uma aldeia dentro da mata. Uma das melhores queixas dos Tingui é a derrubada do resto da mata que circundava a área deles. Até alguns anos atrás, um fazendeiro vizinho concordava em conservá-la em sinal de amizade aos índios. Com a morte deste, seu genro, apesar dos protestos dos índios e das garantias dadas pela viúva, derrubou esse resto de mata, deixando o ouricuri exposto à curiosidade dos estranhos. Na tentativa de resguardar seu ritual a comunidade ainda cercou de mais árvores a área e na época do ouricuri, tapa-se a cerca com folhas de palmeira. O ritual é celebrado na mata através de uma reclusão quinzenal e de uma grande festa anual que dura 9 dias.

Atualmente, para chegarem do povoado ao local do ouricuri os índios têm de passar por um corredor entre os pastos dos fazendeiros, com arame farpado de um lado e de outro.

Os índios se queixaram de que o segredo do ritual é escarnecido ao mesmo tempo que objeto de curiosidade e de que as crianças são pressionadas na escola para revelá-lo. Manifesta-se assim discriminação na escola do lugarejo, e os índios reivindicam uma escola só para eles. Esta deveria ser tarefa da FUNAI que até agora não instalou um posto indígena no local.

Em 23/9/80, o prof. Clovis Antunes, da Comissão Pró-Índio de Alagoas, e da Universidade Federal de Alagoas, esteve no local. Dois dias mais tarde, mandava uma carta-relatório ao presidente da FUNAI. Em outubro, os índios foram a Recife falar com o delegado da 3.ª DR da FUNAI, do qual esperaram a visita. Um antropólogo da FUNAI esteve no local ainda em 1980, mas até agora nenhuma providência foi tomada. A 26 de janeiro de 1981, o cacique Tingui mandou o seguinte telegrama ao presidente da FUNAI: **"Situação seca, perda lavoura pedem FUNAI auxílio sobrevivência esperam visita presidente FUNAI resolver seus problemas"**.

Comissão Pró-Índio de São Paulo



Uma índia Tingui, do Alagoas (foto Comissão Pró-Índio de SP)

## "Está faltando terra"

Eis a transcrição da carta dos Tingui enviada ao presidente da FUNAI:

"Olho Dagua do meio Feira grande Alagoas".

Carta do Pajé João Ferreira Botó da Aldeia Tingui de Olho Dagua do meio.

Cacique Adalberto Ferreira Botó.

Conselheiros: José Saraiva e Eraldo Campos.

Reclamação do Pajé João Ferreira Botó.

Eu com os meus índios vivem neste local de terra que não dar para ninguém trabalhar. Os índios já estão saindo da minha aldeia para ir para outras aldeia só a

fim de arrumar serviço para trabalhar.

A minha aldeia esta faltando terra, pasto, escola medicamento.

Nos vivem na aldeia muito preocupado com medo dos branco para não descobrir os nossos segredos indígenas.

Os índios Tingui estão presisando di comestivos rosas.

Feijão, milho, roupa, calçado, farinha, arroz.

Nos índios presisamos das ajudas de vocês maiores do que nos porque nos somos pobres e presisamos de tudo isto principalmente de terra e um posto.

Pajé João Ferreira da Silva  
Cacique — Adalberto Ferreira da Silva Caaioe

CEDI  
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: U São Paulo

Class.: 05

Data: 27/02 20/03/81

Pg.: 06